

**José Rogério Lopes**  
*Professor Titular do PPG em Ciência Sociais – Unisinos*  
*Pesquisador Associado do NER-UFRGS*

USARSKI, FRANK. *O BUDISMO E AS OUTRAS; ENCONTROS E DESENCONTROS ENTRE AS GRANDES RELIGIÕES MUNDIAIS*. APARECIDA, SP: IDÉIAS E LETRAS, 2009, 304P.

*Bem lá no fundo, todas as religiões... são perceptivelmente distintas.*

O livro de Usarski apresenta uma análise consistente, madura e bem escrita, que remete a uma discussão atual, mas ainda carente de mais reflexões como a que o autor propõe. E, apesar de tratar-se de uma obra que se referencia no Budismo, dá oportunidade para que estudiosos que não sejam especialistas nessa tradição religiosa possam manifestar suas impressões sobre a leitura. Isso porque o livro enfoca as inter-relações históricas que constituíram o que se denomina hoje de diálogos inter-religiosos, mas também analisa as possibilidades abertas para encontros e desencontros entre as grandes tradições religiosas. Nessa perspectiva, o livro possibilita uma leitura sinótica e multidimensional do campo histórico e geográfico diversificado em que se desenvolve o amplo espectro de problemas envolvidos nessas possibilidades.

A hipótese inicial do autor, de que essas possibilidades são delimitadas pela disponibilidade aos enfrentamentos possibilitada pelos aparatos doutrinários e éticos dos interlocutores, permite trilhar caminhos consistentes. E, como bem mostra o livro, isso vale tanto para questionar críticas e argumentos aos quais as tradições religiosas se submetem, no diálogo inter-religioso, quanto para circunscrever as tensões e convergências endógenas a cada tradição, em torno de seus próprios princípios éticos e sistemas doutrinários. Tal exposição está demarcada e assumida, no livro, por uma abordagem orientada pela teoria dos sistemas sociais e repercute no tratamento

sistemático com que o autor delimita as “estruturas de plausibilidade”<sup>1</sup> da tradição religiosa em foco, em diálogo com o Hinduísmo, o Cristianismo, o Judaísmo e o Islã.

Na forma como expõe tal tratamento, creio que poderia pensar a organização do livro em dois momentos estratégicos. O primeiro momento compõe os dois capítulos iniciais, de exposição diacrônica, nos quais o autor parte da construção do capital simbólico do Budismo (o lócus de onde se pensa), na Índia e em tensão com o Hinduísmo, discorrendo posteriormente sobre sua transplantação para outras regiões do planeta, seguida dos cenários históricos e relacionais dos encontros entre o Budismo e as demais tradições religiosas em questão. Um segundo momento, de exposição sincrônica, segue pela análise da operacionalização de argumentos e atitudes retóricas que dão suporte ao diálogo do Budismo com outras religiões, ou que implicam divergências no mesmo diálogo.

O autor elabora, nesse sentido, um quadro amplo dos referenciais históricos e situacionais que influem no diálogo inter-religioso (ou, como ele propõe, “cenários paradigmáticos do intercâmbio bilateral do Budismo com as outras religiões”) e que extrapolam os fatores religiosos para conjunturas políticas, de disputas por status ou modelos econômicos. Esse quadro permitirá, na sequência, construir tipos ideais que lhe permitem identificar e referenciar os temas-chaves que regem disputas e diálogos do Budismo com as demais tradições religiosas, em suas dimensões mais substanciais ou circunstanciais.<sup>2</sup>

Esses dois momentos do livro são pensados por sugestão de minha própria leitura (já que o autor não estabelece tal divisão), uma vez que reconheci nos primeiros capítulos algumas chaves de interpretação que, nos demais capítulos, abrem horizontes de reflexão em torno das tipicidades elaboradas.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Berger, Peter. Secularization and pluralism. *International Yearbook for Sociology of Religion*. 2, p. 73-84, 1996.

<sup>2</sup> Embora essa construção seja remetida, na introdução, à exposição de um quinto capítulo do livro, ela se realiza no quarto capítulo, uma vez que o anunciado quinto capítulo não existe.

<sup>3</sup> Um exemplo, entre outros possíveis, seria a negação do *self* nas doutrinas budistas tradicionais, em favor da afirmação substantivada de uma vacuidade existencial (p. 40-43), que,

Assim seguindo, penso que o autor delinea bem o horizonte de tensões e convergências que caracteriza o pluralismo constituinte do Budismo, desde o seu desenvolvimento histórico, já no primeiro capítulo. Sua análise situacional bem definida em propósitos que se direcionam para um foco sempre antecipado, em torno do diálogo inter-religioso, desde o início está marcada pela consciência de certa seletividade do pesquisador, que reconhece aspectos relevantes do desenvolvimento da tradição budista, em seu horizonte plural constitutivo. Esse recorte é possível pelo conhecimento que o autor mostra possuir do tema tratado, atestado pelo amplo referencial bibliográfico utilizado. Ao mesmo tempo, no quadro das três perspectivas analíticas da diferenciação interna do Budismo que adota – uma *vertical*, discutindo as camadas do Budismo; uma *horizontal*, que considera as diferentes correntes da tradição religiosa em suas implicações geográficas e sistemáticas, e uma *cronológica*, que distingue entre um Budismo tradicional e suas tendências mais recentes – o autor busca enfatizar a convergência de uma série de elementos doutrinários e éticos, que se explicitam no próprio desenvolvimento de suas diferenciações.

O segundo capítulo vale-se dessas perspectivas analíticas para expor, de forma criteriosa e bem sistematizada, as articulações do Budismo com as demais tradições religiosas analisadas. Essas articulações, tecidas entre “religiões civilizacionais” (p. 66), ou tradições religiosas que possuem “força civilizadora” (p. 146) mais ou menos universais, resultam em precisas e objetivas configurações sistêmicas, expostas ora em perspectivas mais lineares, como nos casos dos diálogos e tensões com o Hinduísmo, o Judaísmo e o Islã, ora em perspectivas mais difusas, como no caso dos diálogos e tensões com o Cristianismo, que têm de ser desdobrados em contextos histórico-geográficos mais circunscritos na análise. O certo, porém, é que as articulações analisadas, desde o ponto de vista do Budismo, explicitam a importância da análise situacional dos encontros entre “forças civilizadoras”, como um registro importante para se compreender o caráter do pretense desenvolvimento endógeno das tradições religiosas. Assim, em princípio,

---

no desenvolvimento e na diversificação das doutrinas budistas, encontraria outras elaborações posteriores (p. 134), sobretudo, nos diálogos com a filosofia ocidental.

seria possível afirmar que, para além da disponibilidade aberta ou exposta ao diálogo inter-religioso, os “encontros e desencontros” históricos entre as tradições religiosas produzem situações que impõem reflexividades e, muitas vezes, mudanças.

Grande parte dos sistemas filosóficos elaborados por essas tradições religiosas foi submetida às influências exógenas impostas aos seus princípios doutrinários e éticos, ou elaborou respostas aos jogos de forças sociais que se desenvolveram à sua volta, na modernização imposta pelas continuidades (e descontinuidades) históricas de formação do sistema-mundo. Nesse sentido, os cenários históricos que o autor nos expõe, em torno desses encontros inter-religiosos analisados desde o ponto de vista do Budismo, permitem perceber que a escala de percepção de um problema não se confunde com a escala de sua resolução. Esse parece-me o sentido do segundo momento do livro, em que o autor discorre sobre o espectro de posturas do Budismo diante dos desafios inter-religiosos e as divergências substanciais que mantêm frente às demais tradições religiosas.

Esse espectro está disposto no repertório de sutras do Budismo e é apresentado pelo autor, seguindo uma tipologia de três posturas inter-religiosas (o inclusivismo, o pluralismo e o exclusivismo), já reconhecida na literatura especializada sobre o tema. E, na medida em que tal tipologia produz estereótipos (risco comum das tipicidades), é necessário considerar as ambiguidades próprias da tradição religiosa em foco, como o conceito de “gênese condicionada”, as posturas em relação aos que não partilham a tradição religiosa e os limites do uso da linguagem (discurso) em despertar processos de iluminação em seus interlocutores. Exemplar nessas considerações elaboradas por Usarski é o aprimoramento da “postura inter-religiosa designada *upaya*” (p. 190), traduzida como “meios habilidosos”, um conceito metaprático que permite dialogar sobre sua tradição religiosa sem se perder na linguagem.

Por fim, o último capítulo expõe como o espectro de posturas, princípios doutrinários e éticos do Budismo mantêm divergências com as demais tradições religiosas. Tais divergências são apreendidas ora em um quadro analítico de trocas sistemático e abrangente, como no diálogo com o Hinduísmo – na formação de seus elementos doutrinários primários – e com o

Cristianismo – na sua diversificação e legitimação como tradição religiosa com força civilizadora –, ora em reflexões acerca de aspectos pontuais, como no diálogo com o Judaísmo e o Islã – onde se fixam em temas como o monoteísmo, a diáspora religiosa e as práticas rituais.

Dessa maneira, a construção expositiva sobre a formação e o desenvolvimento do Budismo, em conflito ou diálogo com as outras tradições religiosas, permite ao autor corrigir representações equivocadas sobre o próprio Budismo ou o diálogo inter-religioso, mostrando que “bem lá no fundo, todas as religiões...” guardam autopercepções singulares de sua cosmovisão, expressas nos encontros e desencontros com outras tradições religiosas.

O diálogo inter-religioso, nessa perspectiva, ativa heranças e valores que devem ser questionados desde as problematizações do presente, mas que não desinibem os atores religiosos de suas responsabilidades para com as próprias heranças preservadas por suas tradições religiosas.

